



INTERVENÇÃO EM PSICOLOGIA ESCOLAR: relato de experiência com crianças de um projeto de educação integral

DOI: 10.22289/2446-922X.V5N1A4

Fabiane Conceição da **Silva**¹
Daniela Ribeiro **Ganda**

RESUMO

A psicologia escolar deve atuar no sentido de criar ambientes participativos e buscar a promoção de saúde e bem-estar no ambiente escolar para professores, alunos e a equipe como um todo. O psicólogo escolar deve ultrapassar as barreiras de uma prática individualista para uma prática voltada aos grupos presentes na instituição, buscando trabalhar as queixas escolares a partir de suas multicausalidades. O presente estudo tem como objetivo apresentar, por meio de um relato de experiência, a prática de estágio em Psicologia Escolar, destacando a importância para a formação profissional, a partir das atividades práticas e experiências pessoais então compartilhadas no contexto da escola. O projeto de intervenção foi realizado com uma turma de alunos do Programa de Educação Integral de uma escola do município de João Pinheiro-MG. O trabalho foi desenvolvido a partir de observações, seguido pela prática de atividades e dinâmicas com os grupos de crianças, visando a relacionar teoria com a prática na solução dos problemas escolares. As principais queixas relatadas pela diretora da escola acerca da turma foram a agressividade e a vulnerabilidade social na qual se encontram os alunos. A partir da realização do estágio, foi possível acompanhar as dificuldades enfrentadas por professores, equipe pedagógica e alunos na escola, reafirmando a importância da atuação de um psicólogo escolar que atue de maneira ética e dinâmica neste contexto.

Palavras-chave: Psicologia Escolar; Educação Integral; Vulnerabilidade Social.

ABSTRACT

School psychology should act to create participatory environments and seek the promotion of health and well-being in the school environment for teachers, students and the team as a whole. The school psychologist must overcome the barriers of an individualistic practice for a practice directed at the groups present in the institution, seeking to work on school complaints from their multi-causalities. The present study aims to present, through an experience report, the practice of internship in School Psychology, highlighting the importance for the professional formation, from the practical activities and personal experiences then shared in the context of the school. The intervention project was carried out with a group of students from the Integral Education

¹ Endereço eletrônico de contato: fabypsicologia90@gmail.com

Recebido em 12/05/2019. Aprovado pelo Conselho Editorial e aceito para publicação em 27/05/2019.



Program of a school in the city of João Pinheiro-MG. The work was developed from observations, followed by the practice of activities and dynamics with the groups of children, aiming to relate theory to practice in the solution of school problems. The principal complaints reported by the school principal about the class were the aggressiveness and social vulnerability of the students. After the internship, it was possible to follow the difficulties faced by teachers, pedagogical team and students in the school, reaffirming the importance of the performance of a school psychologist who acts ethically and dynamically in this context.

Keywords: School Psychology; Integral Education; Social vulnerability.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho fundamenta-se na experiência desenvolvida na prática do estágio supervisionado em Psicologia Escolar, o qual é necessário para conclusão do curso de graduação em Psicologia. O estágio ocorreu em uma escola de Educação Infantil, no município de João Pinheiro, Minas Gerais. O processo de identificação da queixa escolar e intervenção foram realizadas pela autora do presente trabalho junto com a professora supervisora de estágio.

De acordo com as teorias estudadas ao longo do curso de graduação em Psicologia da Faculdade Patos de Minas (FPM), assim como a prática nos estágios, percebe-se que os ambientes familiar e escolar são fundamentais para o desenvolvimento saudável das crianças e adolescentes. As teorias sobre desenvolvimento infantil possibilitam constatar que a relação entre a família e a escola são contextos fundamentais na vida de uma criança, tendo as relações com os pais e com os professores uma ligação primordial na infância.

Segundo Dessen e Polônia (2007), o ambiente familiar é o lugar essencial que assegura a sobrevivência dos filhos, promovendo os subsídios afetivos necessários para o desenvolvimento e bem-estar, acima de tudo material. Desempenhando um papel incontestável na educação formal e informal, neste espaço, são adquiridos valores éticos, construídos internamente através de suas gerações. As autoras ainda enfatizam a relação destes dois contextos fundamentais na trajetória das pessoas. Por sua vez, cabe à escola a iniciativa de proposta de interação; desta forma, criando mecanismo para que a família acompanhe a vida escolar dos filhos, construindo, assim, boas relações para minimizar a indisciplina. A escola torna-se lugar fértil para a formação profissional e socialização da criança. O ambiente escolar permite que a criança se desenvolva e os educadores tornem-se referência na vida de uma criança (Dessen & Polônia, 2007).

Há dúvidas frequentes sobre o papel do psicólogo escolar. Nesta linha de raciocínio, Guzzo (2002) afirma que a atuação do psicólogo na escola abarca várias dimensões, não se limitando em apenas fazer diagnósticos e classificar os alunos como indivíduos problemáticos, mas buscando fazer uma ligação entre família e escola, em que os maiores beneficiários são os



alunos. O profissional deve atuar no sentido de criar ambientes participativos e buscar a promoção de saúde e bem-estar no ambiente escolar para professores, alunos e a equipe como um todo.

Muito se discute a importância destes contextos e na movimentação do psicólogo na escola e, de acordo com o estágio na escola, é possível pensar em algumas propostas e possibilidades voltadas para a atuação do profissional da psicologia neste contexto. Conforme Andrada (2005), o psicólogo escolar necessita de um espaço no qual possa escutar demandas da escola e, a partir disso, pensar em maneiras de lidar com as situações cotidianas. Ressalta-se que este espaço ultrapassa uma sala de atendimentos, as atividades necessitam ocorrer em diferentes âmbitos escolares. O trabalho da psicologia dentro da escola deve ultrapassar as barreiras de uma prática individualista para uma prática voltada aos grupos presentes na instituição. Desta forma, busca-se trabalhar as queixas e investigar suas multicausalidades, trabalhando, assim, não apenas com os alunos, mas também com seus professores, pais e familiares.

O estágio escolar, desta maneira, como qualquer outro, torna-se a área escolar abrangente, possibilitando perceber inclusive algumas dificuldades a partir do estágio. Desde o espaço físico ao descrédito sobre a verdadeira função do psicólogo escolar. Guzzo (1996) ressalta que “é preciso que o psicólogo escolar desloque o seu foco de atuação da doença para a saúde, do fracasso para o do sucesso, dos distúrbios e dificuldades, para as competências e qualidades”. (p. 191).

É notória a importância da atuação do psicólogo neste contexto escolar, sendo fundamental o planejamento de ações que promovam reflexões sobre, inclusive, os comportamentos agressivos e a falta de motivação dos alunos que tem sido umas das queixas constantes dos professores e gestores pedagógicos. A atuação do psicólogo escolar tem por objetivo conscientizar a magnitude de valores essenciais no desenvolvimento infantil. Tem-se o propósito de melhorar ou minimizar os sofrimentos destas crianças que se encontram em grande vulnerabilidade social. Deste modo, o trabalho como psicólogo torna-se eficaz em promover transformações dentro do contexto escolar. Busca-se, assim, alterar pensamentos e comportamentos de ações enfatizando e envolvendo discursos e atividades de aprendizados positivos a fim de que a escola, efetivamente, torne-se um agente transformador.

No que concerne os diferentes modelos pedagógicos criados com o intuito de melhorar a aprendizagem, o convívio e o desenvolvimento global das crianças e jovens, têm-se o Projeto de Educação em tempo integral. A proposta da educação integral é promover a igualdade ao assegurar o direito de todos de compreender e conectar as oportunidades educativas diferenciadas e diversificadas a partir da interação com várias linguagens. Reconhece-se, assim,



a singularidade dos sujeitos, em inúmeras identidades fundamentadas na construção da significância do projeto educativo para todos e todas.

Segundo Zanardi (2016), Educação Integral é um conceito que percebe a educação garantindo o desenvolvimento dos sujeitos em todas as suas dimensões – intelectual, física, emocional, social e cultural, constituindo como projeto coletivo, compartilhado por crianças, jovens, famílias, educadores, gestores e comunidades locais. Este pensamento reafirma a posição de Pinho e Peixoto (2017), que postulam que: “A Educação Integral vem ganhando cada vez mais espaço em debates públicos, como proposta educacional para o país, na busca pelo desenvolvimento pleno de indivíduos em suas diferentes dimensões: física, afetiva, cognitiva, socioemocional e ética” (p. 197).

2 MATERIAS E MÉTODOS

Deste modo, o presente trabalho foi desenvolvido a partir de observações, seguido pela prática de atividades e dinâmicas com os grupos de crianças, buscando relacionar teoria com a prática na solução dos problemas escolares. Por conseguinte, o trabalho apresenta, por meio de um relato de experiência, a prática de estágio, destacando a importância para a formação profissional em Psicologia, a partir das atividades práticas e experiências pessoais então compartilhadas no contexto da escola. O relato de experiência será escrito em primeira pessoa.

3 RELATO DA EXPERIÊNCIA

Eu realizei o estágio supervisionado em psicologia escolar em um colégio municipal na cidade de João Pinheiro, no estado de Minas Gerais, no período de agosto de 2018 a abril de 2019. Inicialmente, obtive um levantamento das dificuldades vivenciadas pelos professores no que se refere às problemáticas dos comportamentos apresentados pelos alunos. Conduzi um trabalho de intervenção em uma turma do Projeto de Educação Integral, semanalmente no período da tarde. A turma foi composta por 14 crianças entre 8 e 10 anos de idade, que cursam entre o 3º e 5º ano do Ensino Fundamental, no período matutino. Dentre as diversas atividades que realizei, houve observações, entrevistas, conversas informais, ações de integração e dinâmicas.

Na primeira semana, realizei uma entrevista com a diretora da escola para saber mais sobre a demanda dos alunos e, de imediato, ouvi que eles vivem em uma grande vulnerabilidade social. Em seguida, fiz observações no contexto escolar. Neste momento, tive a oportunidade de conhecer de perto o ensino fundamental, percebendo os desafios que estavam por vir, bem como aprender a lidar com eles e, até mesmo, a saber como superá-los.



As observações feitas em sala de aula foram de bastante relevância para serem compreendidas as dificuldades apresentadas pelos alunos. Ao longo das observações e dinâmicas foi possível identificar que existe certo tipo de agressividade por parte de alguns alunos contida na sala, havendo uma necessidade de se trabalhar e esclarecer as boas maneiras a serem usadas diariamente em qualquer âmbito e refletindo sobre o comportamento diário com as mesmas.

Vendo toda esta movimentação, entende-se que o trabalho do psicólogo escolar pode favorecer processos de questionamentos e de conscientização acerca das concepções deterministas de desenvolvimento e aprendizagem que, implicitamente e de forma pouco lúcida, ainda estão presentes nas compreensões das queixas escolares e, portanto, nas práticas escolares. A psicologia escolar tem construído atuações que buscam não somente abandonar um modelo que focaliza o problema do aluno. Logo, tem-se esforçado para integrar outras modalidades de trabalho que ampliem as possibilidades de sucesso dos atores envolvidos, superando as práticas psicológicas que tratam as dificuldades de aprendizagem ou o fracasso escolar como um problema individual ou do meio familiar (Oliveira & Araújo, 2009).

Na segunda semana, foi proposta uma atividade sugerida na supervisão e, posteriormente executada: uma atividade de desenho. Os alunos precisariam desenhar algo que os deixasse tristes e, após todos terminarem, isso seria discutido. Desta forma foi cumprido. Ao finalizarem a atividade, ficou percebido que as relações familiares é o que mais afeta a turma, pois as crianças expressaram isso nos desenhos nos quais havia imagens de brigas, discussões trazidas por imagens dos pais, brigas do tipo das mães banais e, até mesmo, algumas imagens violentas. Fui surpreendida por não estar esperando por algo neste sentido. Insisto em dizer que fui ingênua, pois, a me deparar com imagens feitas por crianças, confesso que aguardava por algo tranquilo e inocente e foi, neste momento, que constatei que estava diante de crianças com um imenso sofrimento. Para finalizar, pedi que desenhassem algo que os deixavam felizes. Então, apareceu a ingenuidade que esperei no primeiro momento, apareceram brinquedos, viagens, entre outros nesta linha de pensamento e campo semântico.

Nesta tarde de estágio, presenciei, através dos desenhos, como de fato é o funcionamento do núcleo familiar de algumas daquelas crianças. Deparei-me com fortes imagens, que, depois, calmamente, pude analisar e refletir com a minha supervisora de estágio. É uma realidade que, de certa forma, torna-se distante de muita gente. O estágio vem sendo de grande valia pessoal e profissional. Pude, então, perceber e reafirmar a imensa necessidade de um psicólogo escolar trabalhando de forma incisiva, conscientizando não somente os professores, mas fazendo uma ponte nestes dois contextos primordiais na vida da criança e adolescente.



Na terceira semana, as crianças estavam bem agressivas, com gritos e xingamentos entre eles, estavam numa agitação muito grande. Achei interessante deixá-los colocar para fora toda aquela energia. Fui com eles para fora da sala e optaram pela brincadeira de queimada, na qual gritavam e se ofendiam com palavrões, muitos ficavam raivosos em determinados momentos. Observando toda aquela movimentação, identifiquei que a maioria tem uma dificuldade imensa de lidar com a frustração, ou seja, eles não aceitam de forma alguma não vencer a brincadeira. Ao trazê-los novamente para a sala, a agitação continuava. Precisei me impor para que eles pudessem me ouvir, mas foi praticamente impossível estabelecer um diálogo naquela tarde.

Uma das ações interventivas do estágio foi realizada com um aluno da turma por apresentar com maior frequência agressividade com os colegas, havendo em vista uma necessidade de acolhê-lo de uma forma diferenciada. Concomitante ao trabalho realizado semanalmente com a turma, foi conduzida uma proposta de acompanhamento breve a este aluno, a qual se constituiu de: observação, conversa e ação interventiva. O aluno traz consigo um sofrimento imensurável devido ao fato de seu pai estar preso.

Compreendendo a importância específica desta demanda, senti a necessidade de estar novamente com a diretora para colher informações sobre a família e a realidade da situação. Com ela, obtive valiosas informações sobre o núcleo familiar: a família mantém-se em contato constante com o pai, a mãe continua casada com o mesmo, e a criança tem acesso ao sistema prisional com frequência em períodos de quinze e quinze dias e, segundo a diretora, a criança, na segunda-feira posterior à visita, volta bastante agressiva e relatando para os coleguinhas tudo que observou.

Após esta conversa com a diretora, pude perceber que teria que acolhê-lo em um momento a sós, para ouvi-lo melhor e buscar perceber esta relação pai e filho, pois ele apresenta muito sofrimento e revolta diante desta situação. É evidente a tristeza, uma vez que em algumas atividades, como desenhos, ele expressa muita tristeza e saudade.

Neste caso, após a supervisão do estágio, ficou entendido que poderia ser utilizado como recurso terapêutico um caderno. Em outro momento, entreguei-lhe explicando a sua finalidade, como poderia ser utilizado. Nesta entrega, busquei escutá-lo, mas ele se manteve com poucas palavras. No entanto, em uma linguagem que ele pudesse entender deixei acesso livre para que no momento que quisesse falar eu estaria ali pronta a ouvi-lo ainda naquele dia ou nos próximos dias do meu estágio. Naquele mesmo dia, no momento da brincadeira livre, ele se aproximou e fez alguns questionamentos, mas nada no sentido sobre a família dele. Acredito que isso é um ponto positivo, pois estava criando um vínculo e iniciando uma confiança que, posteriormente, isso pode me ajudar a ter mais acesso a conteúdo, porque, de alguma forma, ele queira conversar.



A professora relatou-me a grande dificuldade que o menino tem em interagir com a turma. Ele vinha apresentando agressividade e, desta forma, era difícil mantê-lo engajado nas tarefas trabalhadas na sala de aula. Prejudicando, assim, seu desenvolvimento. Ouvindo estes relatos, é impossível não pensar em como é de fundamental necessidade a professora buscar trazer este determinado aluno para mais perto de si e lhe dar uma significativa atenção, buscar desenvolver tarefas que lhe proporcionem interesse em desenvolvê-la.

De acordo com Leite e Tagliaferro (2005):

Mais recentemente, a partir de pressupostos teóricos com fortes marcas nos determinantes sociais da, a concepção de homem tem se transformado, dando origem a uma visão integradora que defende a indissociabilidade dos aspectos afetivos e cognitivos. Na educação, isso tem implicado numa revisão das práticas pedagógicas, pois, a partir dessa visão integradora, é preciso caracterizar as relações de ensino-aprendizagem também enquanto um processo afetivo (p. 11).

Após estes dias de estágios, vivenciando tais práticas, fica cada vez mais evidente a importância das inter-relações, evidenciando, assim, o vasto campo de atuação do psicólogo na escola: focando, cada vez mais, tanto no contexto familiar quanto no escolar.

Na quarta semana, ao chegar na escola, todos estavam no intervalo correndo e brincando. As tardes, neste período, estão, de fato, mais quentes e as crianças sentem isso. A agitação é quase incontrolável. Com um pouco de dificuldade, consegui trazê-los para sala, porém a falação era alta. Ao serem questionados como foi a semana, as respostas sempre são bem positivas do tipo “minha semana foi ótima”, além de estarem super empolgados com a ida para a piscina de um clube. Diante de toda a empolgação, aguardei-os expor toda aquela euforia. No momento certo, pedi que desenhassem a família; de imediato, não foi bem aceito, pois, como de costume, eles queriam ir para fora da sala brincar, mas, como anteriormente havia sido combinado que iríamos intercalar nossas tardes, uma com brincadeiras e outra com atividades em sala de aula, seguimos o plano. E sugeri que eles recordassem nosso combinado, mas como a turminha é bem esperta, logo, foi fácil recordar e entender as regras e assim foi cumprido. Eles começaram a desenhar a família, uns com mais dificuldades que outros e com mais resistência.

A proposta nesta tarde era trazer conteúdos importantes, como afirma Patias e Abaid (2014). O psicólogo escolar deve atuar em suas redes interativas e, afinal, a família reflete muito no comportamento de cada indivíduo; com nossas crianças não seria diferente. Era preciso entender alguns comportamentos em sala de aula e, de certa forma, conhecer de longe a história de cada um contido naquela turma.

Na quinta semana, o cenário que encontrei ao chegar na escola não estava muito diferente dos estágios anteriores. As crianças encontravam-se agitadas e com certa dificuldade



de retornarem à sala, mas com todos dentro, já sentados, notava-se que estavam visivelmente ansiosos. Propus-me a ouvi-los em qualquer tipo de desejo, perguntas ou, até mesmo, o relato de como foi a semana. As falas foram iguais: reclamações e fofocas relacionadas aos próprios colegas e ansiosos para brincarem. Nesta tarde, levei balões com a proposta de trabalharmos a união com a turma. Dividi a turma em dois grupos de 7 alunos cada grupo e dei um balão para cada um. Eles não poderiam deixar os balões caírem, pois a proposta era 10 minutos para cada grupo. Na medida em que o tempo iria passando, eu mesma ia soltando mais balões, pois eles tinham que trabalhar em equipe para não deixar os balões caírem no chão. E assim foi realizada a brincadeira tendo o grupo A como campeã. Ao terminar a dinâmica, foi aberto espaço para alguns questionamentos sobre o trabalho em equipe. O que é interessante observar na turma é que praticamente todos têm uma facilidade imensa de entendimento sobre diversos assuntos, inclusive sobre a união eles reconhecem sua importância.

Na sexta semana, fui convidada a me juntar com as professoras para a realização da semana das crianças, momento em que fui em um horário mais cedo para poder ajudá-las, O dia escolhido foi o dia da gincana, no qual foram realizadas várias competições. Os alunos foram divididos em grupos vermelho e verde. Com a gincana, diversas brincadeiras estavam sendo realizadas, entre elas estavam: corrida do ovo na colher, corrida das vassouras, corrida do saco, entre outras. Tendo como grupo vencedor o grupo vermelho. Desta forma, reforcei a importância da união do grupo. Após a gincana, tivemos um momento para todos tomarem sorvetes oferecidos pelas professoras.

Na sétima e última semana, antes do período de férias, levei uma proposta para a turma para, juntos, fazermos cartazes em homenagem ao dia dos professores e, desta forma, seguimos a nossa tarde engajados na tarefa. Em alguns momentos, foi necessário estar reforçando a importância da união da turma, pois infelizmente os xingamentos são frequentes e a desunião em muitos momentos prevalecem. A proposta inicial era para que todos fizessem apenas um cartaz, mas não foi possível, então, foram confeccionados três cartazes. Durante a confecção, foi possível perceber criatividade e dedicação da turma.

Após o período das férias, do final de ano, retornaram as aulas e, conseqüentemente, voltei com meu estágio. Diante de muita expectativa e ansiedade para revê-los e obter novas experiências, propus-me a levar algo para a turma que não fosse forçá-los a qualquer atividade que pudesse reforçar momentos de agitação. Pensando nisso, na tarde de sexta-feira, fui até a escola e fui recebida com muitos abraços e atenciosamente já esperavam pela minha chegada, de início, esperei aquela euforia passar, em especial as perguntas sobre diversos assuntos, sobre o dia internacional da mulher, entre outros. Alguns me mostraram atividades que foram desenvolvidas e que levariam às mães ou irmãs. Enfim, houve muitas indagações aleatórias e, como de costume, deixei que ficassem à vontade por um tempinho. Comentei que também



estava ansiosa para vê-los, apresentei-me para algumas carinhas novas na turma e lamentei a ausência de outros que não permaneceram mais na turma.

E, desta forma, comecei a falar de uma música que, naquele fim de tarde, era para todos nós relaxarmos um pouco. Afastamos as cadeiras, colocamos alguns tapetes e pedi que todos se deitassem sem conversas altas e que, ao som da música, com volume baixo, eles fechassem os olhos e pensassem em uma cachoeira: a água caindo, eles pisando em uma grama verdinha, pensassem em coisas boas. Levei um coração de pelúcia e deixei que a imaginassem fluíssem no sentido de algo bom e que fossem passando devagar para o coleguinha do lado.

Logo após este momento, começamos um diálogo sobre as férias. De início, foi um pouquinho complicado manter a turma calma. Duas crianças não quiseram de forma alguma entrar na brincadeira, então, deixei à vontade para que ficassem em suas cadeiras. Alguns se mantiveram relaxados, entraram na brincadeira, outros, por sua vez, fingiam dormir. Mas acredito que boa parte da turma aproveitou realmente a minha proposta. Finalizei com uma mensagem agradecendo por eles terem me recebido com carinho e que o ano letivo estava iniciando e que desejava que a turma aproveitasse o máximo de aprendizagem com as professoras e eu só tinha a desejar que o ano deles fosse cheio de coisas boas e estava feliz por poder estar com eles novamente. Reafirmei que na próxima sexta estaria de volta para podermos criarmos algo juntos.

Nesta segunda semana após as férias, fui convidada a me juntar à turma para uma tarde comemorativa referente ao aniversário de uma das alunas do projeto. Todos contribuíram com algo ou quantia para comprar o bolo e refrigerantes. Juntamente com a professora, ornamentamos a sala com balões e tentamos aproveitar o momento e confraternizar sem brigas entre os alunos.

O momento foi de muita descontração, mas, em alguns momentos, ainda houve algumas intrigas e confusões envolvendo dois alunos que são considerados problema. As competições e brigas na turma vêm sendo observadas desde semestre passado. A turma vem apresentando sinais de agressividade e, constantemente, precisa ser chamada à atenção. Apesar destes momentos conflituosos, cantamos os parabéns para coleguinha e de uma forma engraçada e divertida cada um a abraçou e lhe deu os parabéns. Desta forma, finalizei meu estágio desta tarde.

Neste terceiro encontro de estágio, foi uma tarde que classifico como produtiva, para a qual fui com um único objetivo de ensinar os alunos a importância do próximo e de se ajudar e de pedir ajuda para que todos possam alcançar objetivos. Neste sentido, levei pirulitos e acredito, que desta forma, incentivaria a dinâmica. Usei pirulitos variados e embalados, sendo um para cada participante.

Os alunos formaram um círculo com certo espaço entre eles. Todos deviam segurar o pirulito com a mão direita, com o braço esticado para frente, podendo movimentá-lo para direita



e para a esquerda, e o braço esquerdo para baixo. Ao meu comando, os alunos deviam retirar o pirulito da embalagem (para isso podem usar a mão esquerda, desde que o braço direito não seja dobrado). Depois, o braço esquerdo não poderia mais ser utilizado.

Feito isso, o próximo comando era chupar o pirulito sem dobrar o braço direito! Aos poucos, os alunos iam percebendo que isso só seria possível se eles oferecessem o pirulito que estão segurando para o colega do lado, já que só podem movimentar o braço para a direita e para a esquerda. Esta prática fez com que eles percebessem o quanto precisam do outro para alcançar metas e que ninguém consegue fazer nada sozinho.

No início, quando comecei explicando como seria a dinâmica nesta tarde, alguns não aceitaram muito bem, pois preferiam brincar de queimada. Contudo, após alguns minutos de brincadeira, as gargalhadas, o empenho para chupar o pirulito foi envolvendo toda a turma. Ao finalizar meu horário, percebi algo interessante: eles estavam finalmente trocando ideias entre eles e planejando brincar na próxima sexta. Desta forma, terminei minha tarde de estágio.

Nesta quarta tarde de estágio, iniciei meu estágio falando um pouquinho sobre a importância da amizade, companheirismo e união. Pensando nisso e percebendo como foi interessante a dinâmica do pirulito, resolvi trazer uma caixa de bombons e folhas de jornais. A dinâmica do dia se chama “Ilha do Tesouro”, a qual motiva e melhora a relação entre os coleguinhas.

Com a ajuda de alguns alunos, comecei a organizar nossa dinâmica. Primeiramente, posicionei uma folha de jornal aberta na extremidade da sala e coloquei a caixa de bombons em cima do que seria a “Ilha do Tesouro”. Do outro lado, abri uma folha de jornal para cada dupla, então, pedi para que eles se organizassem em duplas. Tivemos um pouco de dificuldades, já que alguns se recusavam fazer dupla, mas, com muitas dificuldades, eles formaram duplas. Finalmente, pedi para ficar uma ao lado da outra.

Cada dupla teria que permanecer em pé, em cima da sua folha de jornal, e precisaria chegar até a “Ilha”, mas sem tocar os pés no chão fora da folha de jornal. Expliquei que o jornal poderia ser movido, mas não pode ser rasgado ao meio. Estipulei um tempo máximo para que a “Ilha” fosse alcançada. Se alguém colocasse os pés no chão ou rasgasse a folha, seria desclassificado da atividade. E caso mais de uma dupla chegasse ao destino final, eles deviam dividir entre si a caixa de bombons.

Ao final da dinâmica, foi possível perceber que a turma parecia estar mais madura e percebendo a importância da ajuda do outro. Vejo que, com as dinâmicas consecutivas, eles parecem fixar melhor a importância de união e companheirismo. Logo após o fim da dinâmica, duas duplas conseguiram chegar ao objetivo final e a divisão dos bombons foi feita de maneira tranquila. Desta forma, é importante reforçar a importância das interações. Nestas últimas semanas, venho trabalhando em cima disso: focando, principalmente, nas interações sociais,



cumplicidade e parceria entre eles. Em consonância com a teoria de Vygotsky (1998), as interações sociais exercem um papel importante no desenvolvimento, a partir da inserção do sujeito na cultura. Esta inserção acontece por meio das interações sociais com as pessoas significativas que estão no ambiente da criança.

Na quinta semana de estágio, trouxe uma sugestão da minha supervisora, pensando no comportamento dessa turminha, a qual vinha apresentando grandes sinais de agressividades. Além disso, estive pensando nas últimas dinâmicas em que observei o grande efeito que as dinâmicas provocaram neles, demonstrando mais união entre eles e interesse em desenvolver as atividades. Eu, então, realizei uma atividade com o objetivo de mostrar aos alunos o significado da troca das relações, a importância do respeito pelo outro, mencionando sempre a necessidade do cuidado de não magoar, não apenas os coleguinhas, mas os pais e professores, enfim um pelo o outro de maneira geral.

Sugeri que falassem as qualidades dos coleguinhas: coisas positivas, qualidades. Falei e fui surpreendida com palavras do tipo: bonita, inteligente, engraçado, sorridente. Esta tarde de estágio foi bem legal e sem brigas. Até que enfim vejo evolução e interesses nas atividades propostas. Reforcei falando um pouquinho sobre a valorização das amizades e como é bom ouvir que o outro percebe as nossas qualidades.

Na sexta semana de estágio, levei dois cartazes e sugeri que cada um escrevesse palavras que gostavam de ouvir em um cartaz e, no outro cartaz, palavras que eles não gostavam de ouvir. Fui reforçando a importância de falar coisas boas para os colegas. Neste pensamento, fui conversando com eles sobre como é muito ruim ser xingado por outra pessoa, que xingamentos podem deixar o outro muito triste. Abri uma rodinha de conversa e teve um aluno que me chamou muito atenção ao dizer que gosta muito de ouvir que ele é inteligente, pois sua mãe sempre o chama de inútil e incapaz. E, neste sentido, abri algumas questões no sentido de reforçar que cada um de nós temos nossos valores, que não importa se alguém nos maltratou ou falou que somos incapazes ou inúteis. Infelizmente, a família, às vezes, não tem o comportamento que gostaríamos que tivesse, afinal, é dentro deste núcleo, que esperamos que haja ensinamentos positivos e valores muito importantes para o desenvolvimento infantil.

O núcleo familiar é o grande responsável por uma série de valores, sendo necessário, portanto, a participação da família em todas as etapas da vida de uma criança, preparando-a para um futuro. A cultura é passada de geração para outra. Como já havia combinado, esta tarde foi meu encerramento do estágio com a turma, preparei frases e grampeei nos bombons para finalizarmos com um gostinho doce. A frase utilizada foi de Paulo Coelho que dizia: *“Imagine uma nova história para sua vida e acredite nela.”* Também foi muito boa a forma como eles se despediram usando frases do tipo: *“Você é muito importante para nós; “Queremos que você*



volte”. Alguns foram mais carinhosos que outros, mas aqueles que não falaram se expressaram com abraços e olhares afetuosos.

Isso tudo me fez refletir sobre este período com estas crianças e, em consequência disso, peguei-me com vários questionamentos. Dentre os inúmeros motivos sobre a psicologia escolar, ao analisar toda esta trajetória, sinto a sensação que o profissional da psicologia tem uma área linda, que pode ser vista com outros olhos. Vivenciei que o trabalho dentro da escola traz, acima de tudo, uma aprendizagem muito grande e que nós precisamos, cada vez mais, trabalhar muito mais aquele campo que, na minha concepção, é valiosíssimo, pois estas crianças são o futuro de um mundo melhor.

4 CONSIDERAÇÕES

Em vista dos argumentos apresentados, entende-se que o trabalho do psicólogo escolar é primordial. Levando em consideração que a escola é o primeiro círculo social, no qual crianças e adolescente interagem e conhecem regras, é inevitável não perceber algumas temáticas diante do estágio e reconhecer que é imprescindível perceber quão ricas são as demandas que a instituição traz. As escolas necessitam de profissionais capacitados, que trabalhem em prol de um futuro melhor; e nada mais viável que comecemos dentro da escola.

Levando-se em conta o que foi observado, a família vem sendo mencionada no texto mostrando que se torna quase impossível trabalhar no contexto escolar sem adentrar também no contexto familiar e que estas duas dimensões são primordiais na vida da criança e adolescente. Diante de fatos apresentados, vivências e experiências que foram adquiridas durante o estágio, fica registrado na trajetória acadêmica da pesquisadora, a consciência da necessidade imensa da ampliação e maior abertura de comunicação na escola tendo em vista uma carência em relação à presença e atuação do psicólogo no ambiente escolar.

Desta forma, ressalta-se que o estágio teve grande importância para o desenvolvimento pessoal e profissional. Como crescimento pessoal, destaca-se um amplo conjunto de vivências que permitiram crescimento como ser humano. E como crescimento profissional, há referências claras às aprendizagens que viabilizaram amadurecimento como futura psicóloga, a qual buscará ingressar neste complexo contexto escolar.

É imprescindível que todos se conscientizem e se sensibilizem de que a escola é um ambiente que traz grandes desafios, na qual se precisa implantar a psicologia gradativamente. Não há dúvidas de que a Psicologia no ambiente escolar trará benefícios não somente para os alunos, mas para toda equipe. Conclui-se, então, que os projetos desenvolvidos em estágios escolares são de grande relevância para perceber esta insuficiência.



5 REFERÊNCIAS

- Andrada, E. G. C. (2005). Novos paradigmas na prática do psicólogo escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(2), 196-199.
- Dessen, M. A. & Polonia, A. C. (2007). A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, 17(36), 21-32.
- Guzzo, R. S. L. (1996). Formando psicólogos escolares no Brasil: dificuldade e perspectivas. Em: S. M. Wechsler. (Org). *Psicologia Escolar: pesquisa, formação e prática*. 1a ed. Campinas, SP: Alínea, pp. 75-92.
- Guzzo R. S. L. (Org). (2002). *Psicologia Escolar: LDB e educação hoje*. São Paulo: Alínea.
- Leite, S. A. & Tagliaferro, A. R. (2005). A afetividade na sala de aula: um professor inesquecível. *Psicologia Escolar e Educacional*, 9(2), 1-13.
- Oliveira, C. B. E & Araújo, C. M. M. (2009). Psicologia Escolar: cenários atuais. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*, 9(3), 648-663.
- Patias, N. D. & Abaid, J. (2014). O que pode fazer um estagiário de psicologia na escola? Problematizando a prática e a formação profissional. *Revista Educação*, 39(1), 187-200.
- Pinho, M. J., & Peixoto, E. R. (2017). A educação integral diante do novo paradigma: perspectivas e desafios. *Revista Educação e Linguagens*, 6(10), 197-216.
- Vygotsky, L. (1998). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Zanardi, T. A. (2016). Educação integral, tempo integral e Paulo Freire. *Revista e- Curriculum*, 14, 82-107.